

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

DIEGO GONÇALVES SILVA

**ANÁLISE DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE SOBRE A EDUCAÇÃO
BANCÁRIA À LUZ DA OBRA REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO DE
PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA**

DESTITUIÇÃO DA AUTORIDADE DO PROFESSOR COMO UTOPIA
EDUCATIVO-MARXISTA

ANÁPOLIS

2018

DIEGO GONÇALVES SILVA

**ANÁLISE DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE SOBRE A EDUCAÇÃO
BANCÁRIA À LUZ DA OBRA REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO DE
PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA**

DESTITUIÇÃO DA AUTORIDADE DO PROFESSOR COMO UTOPIA
EDUCATIVO-MARXISTA

Monografia apresentada ao Extraordinário
Aproveitamento do Curso de Filosofia, da
Faculdade Católica de Anápolis, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Prof^ª. Maria Inácia

ANÁPOLIS

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

DIEGO GONÇALVES SILVA

ANÁLISE DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE SOBRE A EDUCAÇÃO
BANCÁRIA À LUZ DA OBRA REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO DE
PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

DESTITUIÇÃO DA AUTORIDADE DO PROFESSOR COMO UTOPIA
EDUCATIVO-MARXISTA

Monografia para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia

Examinador

Maria Inácia (Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que suscitando no coração de Plínio Corrêa de Oliveira me possibilitou aprender na escola da Contra-Revolução a analisar os fatos do mundo moderno por um prisma crítico e autêntico, baseado na vida dos santos doutores, papas, religiosos e religiosas, leigos e leigas. Agradeço de modo muito particular à Santíssima Virgem Maria, a quem todo este trabalho é consagrado, para maior honra e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo. Também minha admirável gratidão a minha mãe Antonia Gonçalves da Silva, por me apoiar em cada momento da minha vida, manifestando atenção, impulso e coragem. Minha excelsa gratidão ao Senhor Niuton Gonçalves Figueiredo, que enquanto estando neste mundo manifestou de forma extraordinária a exemplaridade da sua vida, me apoiando não somente a vivenciar academicamente o pensamento do Dr. Plínio, mas mostrando-me a força do exemplo no mundo hodierno que vivemos. Minha muito amável gratidão a Rafaela Maria, por ter sido o ânimo gerador deste trabalho, com sua atenta correção e cobranças tão necessárias para o feitio deste trabalho. Por fim, meu muito obrigado ao Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, que foi motor na realidade para a luta incessante Contra-Revolucionária na minha vida.

SUMÁRIO

Sumário

Introdução.....	6
II. Revolução	8
II.1 Percepção e desenvolvimento teórico da Revolução	8
II.2 Análise histórico-filosófica da Revolução.....	9
II.3 Revolução e Igualitarismo	15
II.4 Consequências da dissolução hierárquica	20
III. Crítica à Educação Bancária.....	23
III.1 Explicação crítica de Paulo Freire à Educação Bancária	23
III.2 Educação crítica libertadora.....	25
III.3 Ação dialógica geradora da dissolução educador-educando	31
III.4 Consequências da dissolução hierárquica	33
IV. Confronto de pensamentos.....	36
IV.1 Análise da Revolução na Educação de Paulo Freire à luz do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira	36
IV.2 Crise na Educação como fruto da Revolução	40
IV.3 Dissolução da autoridade do professor em sala de aula e formação do pensamento utópico igualitário.....	41
Considerações Finais	49
Referências bibliográficas	51

RESUMO

Em curto período de tempo foi, de modo muito benéfico, suscitado a problemática educativa no Brasil. Tomado como referência da educação brasileira, Paulo Freire, com seu método comuno-crítico-educativo, chegou à posição de Patrono da Educação brasileira. Levando em conta sua análise da educação pelo viés marxista, trouxemos à tona o pensamento de um célebre escritor brasileiro, conhecido como Plínio Corrêa de Oliveira que traça uma análise da Revolução, demonstrando em um dos períodos de grande expansão revolucionária o estouro do pensamento marxista.

Desse modo, este trabalho busca fazer uma análise do pensamento de Paulo Freire à luz do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, demonstrando suas consequências mediante o fluxo revolucionário do pensamento marxista no âmbito da educação.

Para tanto, com base no estudo comparativo entre o pensamento dos dois autores destacados, apresentou e analisou de forma isolada cada um e por fim foi feita uma análise de ambos, gerando um confronto e uma continuidade, onde o pensamento de Paulo Freire está contido na Revolução, estrutura histórica filosófica, descrita por Plínio Corrêa de Oliveira.

Com tais apontamentos, mediante a percepção que temos da realidade, onde os professores são destituídos da autoridade que lhes era devida, corroboramos com tal análise a proposta utópica da formulação de viés comunista feita por Paulo Freire.

Por fim, foi possível identificar uma análise da obra crítica à educação de Paulo Freire à luz do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira através da sua obra Revolução e Contra-Revolução, chegando à conclusão de que a destituição da autoridade do professor é fruto do movimento revolucionário gerando uma utopia educativo-marxista.

Palavras-chave: revolução, contra-revolução, educação, bancária, utopia

Introdução

Em curto período de tempo foi, de modo muito benéfico, suscitado a problemática educativa no Brasil. Tomado como referência da educação brasileira, Paulo Freire, com seu método comuno-crítico-educativo, chegou à posição de Patrono da Educação brasileira.

Frente a isso, autores pouco renomados, mas tendo em mãos argumentos bem delineados e embasados deram luz à discussão da implantação utópica do pensamento freiriano e suas consequências educacionais no Brasil.

Deste modo, destacamos a obra *Desconstruindo Paulo Freire* (2017) que, embora publicada a pouco tempo, impulsionou a produção deste artigo. Nela, é apontado as mazelas e incongruências do pensamento metodológico freiriano.

Além da obra, – que é ponto de partida para este trabalho –, o tópico central da discussão revela-se na desconstrução do posicionamento dúbio educador-educando que gera, a partir do pensamento de Freire, a Educação bancária X Educação para a liberdade, em consonância com a desconstrução, efetuada por nós, a partir da obra “Revolução e Contra-Revolução” (1959) de Plínio Corrêa de Oliveira.

Em virtude das informações apresentadas, podemos apontar que o ponto chave para analisar o pensamento freiriano é ter ante os olhos a visão marxista do mesmo sob a história, isto é, a Revolução não se trata, tão somente, de um tópico referente ao comunismo enquanto tal, mas, sendo esta a essência da coisa, abarca de forma histórico-filosófica a projeção dada nos dias atuais decorrentes de um longo processo histórico.

Deste modo, Plínio Corrêa analisa os germens das pequenas distorções revolucionárias à luz de um seguimento contínuo da Revolução em si, sendo a crítica, a dita educação bancária, uma crise dentro da Revolução por excelência.

Sendo assim, este trabalho pretende identificar as problemáticas filosóficas encontrada na crítica de Paulo Freire, baseados na concepção marxista, frente à educação bancária vista, por ele, como símbolo negativo da hierarquia, ordem e autoridade.

Tais fatores são analisados a partir do pensamento pliniano que traça, de forma indireta, uma crítica ao pensamento utópico de Freire acerca da dissolução hierárquica entre educador-educando e a implantação do igualitarismo.

Esta dissertação encontra-se organizada em 5 capítulos, sendo esta – a introdução –, o primeiro deles. No capítulo 2, é desenvolvido a percepção e o desenvolvimento teórico da Revolução, perpassando uma análise histórico-filosófica com ênfase no desenvolvimento vocabular de Revolução, e esta como geradora do igualitarismo, e as consequências da dissolução hierárquica.

No capítulo 3, desenvolvemos a explanação da crítica de Paulo Freire à Educação bancária, sua resposta pela educação crítica libertadora, a ação dialógica como ponto ápice da dissolução educador-educando, e seus resultados como dissolução hierárquica e igualitarismo.

No capítulo 4, descrevemos a análise da Revolução na educação de Paulo Freire à luz do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, dando ênfase na crise da educação como fruto da Revolução, dissolução da autoridade do professor em sala de aula e formação do pensamento utópico igualitário. Por fim, no capítulo 5 é apresentado as considerações finais deste trabalho.

A fim de atingir o objetivo proposto optou-se por desenvolver uma pesquisa bibliográfica, recolhendo materiais primários (Revolução e Contra-Revolução e Pedagogia do Oprimido) e secundários (Atualidade de Revolução e Contra-Revolução e Desconstruindo Paulo Freire), isto é, obras originais dos autores apontados e obras que buscam comentar o assunto debatido.

No processo de pesquisa buscamos desenvolver uma análise exploratória e descritiva, elucidando conceitos muito relevantes e essenciais, e descrevendo a relação dos pensamentos divergentes com o intuito de desvelar uma resposta coerente à abordagem do tema que nos propomos tratar.

Por fim, desenvolvemos uma análise qualitativa, elucidando de modo profundo os conceitos: Revolução, Educação Bancária e marxismo. Entre outras percepções e análises conceituais pertinentes ao assunto.

II. Revolução

II.1 Percepção e desenvolvimento teórico da Revolução

Líder intelectual católico e brasileiro do século XX, Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995), descendente de uma família aristocrática, fora instruído de forma esmerada e dedicada à educação católica por meio de sua mãe, Dona Lucília Ribeiro dos Santos e sua governanta Fraulein.

Elaborou um pensamento profundo e assíduo desde a sua mais tenra idade. Plínio, buscou elaborar sua tese, não por meio de livros ou conceitos pré-estabelecidos, mas através da sua fé ardente e seu espírito crítico que, de algum modo lhe apontava a decadência moderna.

Xavier da Silveira (2009) corrobora esta percepção apresentando as palavras de Plínio Corrêa acentuando que:

Não foi lendo livros que as primeiras ideias sobre a Revolução e Contra-Revolução germinaram na mente do jovem Plínio: “Em vez de ler a doutrina num livro e aplica-la aos fatos, instintivamente tive que tomar posição diante dos fatos e adivinhar a doutrina que eles continham”, explicou ele. (Atualidades sobre Revolução e Contra-Revolução, p. 15).¹

Contudo, essa leitura de Plínio frente à desordem não absorvida por livros e sim obtida pelos fenômenos da realidade, trouxe grande conteúdo para o desenvolvimento da sua tese.

Um dos episódios que tomaram destaque em sua vida foi seu ingresso, na idade de 11 anos, no Colégio pertencente aos Padres Jesuítas, conhecido como Colégio São Luís, aberto em São Paulo no ano de 1918 e localizado na Avenida Paulista.

Entretanto, aquele ambiente não agradava a sua alma forjada, outrora, pelo ambiente ordenado em que vivera, e esta inquietação desenrolou numa

¹ CORRÊA, apud VIDIGAL . Como nasceu a providencial obra Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 2009, p. 28.

análise profunda que fora desencadeada pela observação atenta das almas que ali estavam, o que mais tarde seria apontado como Revolução.

Se deu que

Sozinho no pátio, enquanto assistia ao espetáculo de brutalidade e desordem protagonizado pela massa de alunos febricitados, Plínio compreendeu o que antes jamais suspeitaria. “O mundo é como este colégio”. Sem ainda usar o termo nem definir seu significado, ele havia explicitado a existência da Revolução, e com ela acaba de ter seu primeiro choque. “Eu estava, portanto, diante de um movimento universal, organizado e coeso, com uma mentalidade única, a qual se exprimia sob várias formas e abrangia todos os assuntos. E esse movimento avançava com tanta expansão, segurança e força, que se tinha tornado irresistível [...]”. Era o início da Revolução. (“Plínio Corrêa de Oliveira. Um profeta para os nossos dias” – citação do original: CORRÊA DE OLIVEIRA, Notas Autobiográficas, op. Cit. v. II, p. 523).²

Nisto vemos uma profundidade analítica do autor de Revolução e Contra-Revolução frente ao caos encontrado em seu ambiente. Na análise estabelecida por ele não houve atenção apenas pela baderna instalada como fenômeno social, mas uma compreensão metafísica intimamente ligada ao espírito humano conectado à Revolução.

II.2 Análise histórico-filosófica da Revolução

Em sua obra fundamental ‘Revolução e Contra-Revolução’ (RCR), Plínio Correia de Oliveira aponta que duas “noções concebidas como valores metafísicos exprimem bem o espírito da Revolução: igualdade absoluta, liberdade completa. E duas são as paixões que mais a servem: o orgulho e a sensualidade”. (p. 30)³

No mundo moderno, podemos, analisando de forma detida os comportamentos e expressões derivadas da alma humana, perceber uma desordem elevada quando ela está ligada aos valores metafísicos da Revolução segundo as definições pontuadas por Plínio Correia.

A novidade do pensamento de Plínio é que esta convulsão oriunda da revolução é de forma analítica desvelada e que, além disso, traz uma forma

²SCOGNAMIGLIO, João. Plínio Corrêa de Oliveira. Um profeta para nossos dias. São Paulo, 2017, p. 66.

³CORRÊA, Plínio. Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 1998, p. 30.

ordenada de instalação na alma humana, seguindo uma cadência extraordinária. Ainda que, paradoxalmente, sua tendência primeira seja a desordem.

Toda esta expansão de percepção que temos das diversas crises, tais como as que Plínio na infância detectou na expressão febricitada dos alunos no colégio São Luís, não é derivada de um caos fruto do acaso, mas nela contém caracteres que são capitais, tais como apontamos acima está em íntima conexão com a alma humana no seu estado de decadência.

E são exatamente estes caracteres que conotam um diferencial no pensamento de Plínio, já que, para ele o processo revolucionário é uma cadência gradual que engloba, de modo universal, percepções que tomamos de forma isolada.

Pois bem, o primeiro caractere apontado por Plínio Correia da Revolução, é que esta é universal. Tal universalidade perpassa os povos, ou seja, não é algo isolado apenas desenvolvido no Brasil, mas, na sua forma geral, atinge os povos de todo o mundo de uma forma gradativa, em alguns mais, em outros, menos.

Sendo assim, o segundo caractere está intimamente ligado ao primeiro, pois aponta a crise acima citada como una. Às crises que obviamente fogem à ordem não são feitos isolados, apesar de cada ser humano perceber de uma forma, mas como descrito por Plínio Corrêa, tende a se manifestar como um incêndio, não há focos isolados de chamas, mas a floresta toda comunga do mesmo fogo que a consome.

Além de ser universal e una, a Revolução é uma potência fortíssima e totalizante, pois não percorre sua instalação, por exemplo, em um dado país de forma sutil, mas os problemas são desenvolvidos e abarcam todos os âmbitos, isto é, as potências da alma, a cultura e a própria ação do homem.

Nota-se, portanto que, o homem que participa desta totalidade que o circunda e que está intimamente ligado a ele, não percebe a gravidade que é a Revolução instalada de forma total em seu meio, alma e cultura.

Sendo assim, conhecer o que é de fato a Revolução – sob a ótica de Plínio Correia –, faz com que as crises atuantes em nossa sociedade sejam percebidas como realmente são. Isto é: desordenadas, caótica e espontânea.

Contudo, a partir das análises precedentes, percebe-se que tais crises convergem de modo estruturado e planejado, ainda que percebidas como caóticas, – já que de fato são –, para a grande crise, isto é, a Revolução.

Conseqüentemente, tais crises são instrumentos de parecer dócil que servem à Revolução, alicerçando sua percepção crítica como dominante.

Por fim, dada à universalidade, unidade, totalidade e domínio que apontam a Revolução, Plínio Corrêa lança sua visão crítica e perceptiva sobre ela apontando-a como processiva e, é este processo que dá um parecer amplo na história de como a revolução é eficaz e atemporal.

Bem sabemos, conforme os apontamentos acima, que a Revolução nasce da alma humana quando esta desordenada produziu, desde o século XV até os dias atuais uma grande convulsão.

As palavras do Papa Pio XII corroboram para a compreensão desse processo revolucionário na sua profunda análise histórica. Assim, nos aponta de saudosa memória o vigário de Cristo:

Ele se encontra em todo lugar e no meio de todos: sabe ser violento e astuto. Nestes últimos séculos tentou realizar a desagregação intelectual, moral, social, da unidade no organismo misterioso de Cristo. Ele quis a natureza sem a graça, a razão sem a fé; a liberdade sem a autoridade; às vezes a autoridade sem a liberdade. É um “inimigo” que se tornou cada vez mais concreto, com uma ausência de escrúpulos que ainda surpreende: Cristo sim, a Igreja não! Depois: Deus sim, Cristo não! Finalmente o grito ímpio: Deus está morto; e, até, Deus jamais existiu. E eis, agora, a tentativa de edificar a estrutura do mundo sobre bases que não hesitamos em indicar como principais responsáveis pela ameaça que pesa sobre a humanidade: uma economia sem Deus, um Direito sem Deus, uma política sem Deus. (RCR, pg. 25).⁴

⁴ CORRÊA, Plínio. Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 1998, p. 25.

É muito oportuna a análise de Pio XII sobre o processo revolucionário. E de modo muito especial às bases desconstruídas pela Revolução, extraindo Deus da sociedade e da ordem como necessidade essencial. Não devemos avaliar a colocação de Deus como mera crença, mas é um processo filosófico que perpassa a história da humanidade, alcançando grande êxito nos mil anos da Idade Média.

Tal como tomamos os problemas mais profundos da alma humana, geradora da Revolução, devemos ter bem claro que o espírito da Revolução partindo do orgulho e da sensualidade é uma resposta contra o próprio Deus. Pois o orgulho tem ódio a tudo que esteja acima dele, e a sensualidade descontrói toda forma moral dos bons costumes.

Sendo assim, é de suma importância, acima de tudo, considerar a base do pensamento de Plínio Corrêa para que no desenvolver da tese sobre a Revolução dentro da história fique evidente o ordenamento de onde procedem as críticas.

É muito clara sua posição diante dos seus escritos, das suas exposições orais, diante da sua vida, e mesmo da inscrição forjada na sua lápide (vir totuscatholicus et apostolicuspleneromanus). O alicerce deste autor era sua fé firme e racional em Deus, baseado de modo a tomar destaque nas obras do Santo Doutor Angélico do Séc. XIII, Santo Tomás de Aquino.

Desde a mocidade, diante das afrontas contra a ordem com que se deparou, imbuído da educação cristã, se colocou como um verdadeiro pensador católico, armado com caracteres transcendentais. Desse modo, em certo momento da vida, Plínio percebeu que

Tudo quanto ele via de bom no universo tinha relação com o Sagrado Coração de Jesus, e a desordem existente no mundo se levantava contra Ele. De um lado estava Ele, como polo do bem, do outro se encontrava a mentalidade revolucionária, polo do mal, em revolta contra o Sagrado Coração de Jesus e sua Santa Igreja, tendo como aspecto mais saliente a impureza. (Resumo/Livro dos cinco tomos sobre a vida de Plínio Côrrea, p. 66).⁵

⁵ SCOGNAMIGLIO, João. Plínio Corrêa de Oliveira. Um profeta para os nossos dias. São Paulo, 2017, p. 66.

A forma ordenada de pensar de Plínio faz forte referência à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Sua forma de olhar a figura de Cristo não é mera acolhida de pieguice, mas há um bom fundamento teológico por trás.

A figura do Sagrado Coração remete à ordem do universo, onde tudo parte Dele como caráter daquilo que é bom. Por outro lado, a Revolução, imagem da desordem e do mal, vai contra a fé professada por Plínio na Igreja Católica, Apostólica e Romana. O que faz jus a recordação do Coração de Jesus.

Esta posição fará com que ele enxergue o esplendor de uma sociedade desenvolvida a partir do teocentrismo, onde tudo emana de Deus, inclusive o ordenamento social.

E assim, ele afirmava: “toda batalha que eu presenciava tinha como centro a Religião. Em última análise, quase tudo o que os meninos maus faziam, era proibido pela doutrina católica, e tudo aquilo de que eles caçoavam era mandado por ela”.⁶

Em decorrência dos fatores já citados que apontam o pensamento da Revolução, tendo sua gênese no homem enquanto aquele que emana do seu íntimo decaído o orgulho e a sensualidade, temos bem claro que o ateísmo encarnado nos seus militantes revolucionários odeia tudo que tende para o Bem.

Frente a isso, como que emoldurando a figura de um quadro, podemos ter uma noção mais visível sobre a Revolução. Santos (2012), nos aponta que

De forma muito consciente, Plínio Côrrea de Oliveira compreendeu que a modernidade é um projeto de sociedade sem Deus e, por conseguinte, essencialmente anticristã. É um momento histórico onde Deus e os valores cristãos são esquecidos, ignorados e abandonados. (Atualidade de RCR, p. 10)⁷

⁶ Ibidem.

⁷ SANTOS, Ivaldo. Atualidade de Revolução e Contra Revolução de Plínio Corrêa de Oliveira. Natal, 2012, p. 10.

É interessante perceber que a cadência da análise pliniana não é uma mera análise preconceituosa contra a modernidade e sim uma percepção esmerada de como foi a era do paganismo antigo e como foi desenvolvida a sociedade medieval, tendo Deus como centro e alicerce e como a decadência desse período, lançando espaço para a Revolução, gerou uma desordem crítica descomunal.

Deste modo, Santos acentua que diante da visão das crises da sociedade moderna

A consequência do abandono de Deus é que o homem moderno tornou-se individualista, egoísta, violento e infeliz. Para ele, apenas a recristianização do Ocidente poderá salvar o homem da autodestruição. O que vai destruir o homem não é, por exemplo, a bomba atômica ou a crise ambiental. Tanto a crise atômica como ambiental são apenas sintomas do grande vazio que se instalou no homem, após ter se entregado loucamente aos antigos valores do paganismo antigo-criando o neopaganismo – e, por conseguinte, ter abandonado Deus e o processo de conversão e santificação da alma. (Atualidades de RCR, p. 10).⁸

E é frente às situações de desordem que Plínio capta de forma magistral a essência da Revolução e expõe uma metodologia histórico-filosófica diante do correr dos séculos que aponta os principais desencadeamentos e consequências do processo revolucionário.

É filosófico, pois capta com um olhar assíduo e penetrante as entranhas do pensamento liberal, e histórico, já que, desde o século XIV é possível enxergar grandes movimentos de crise que em uníssono, Plínio Corrêa, designa pelo nome de Revolução.

De uma análise de RCR publicado no livro “Atualidades de RCR”, Santos confirma as afirmações citadas acima, em relação ao método histórico-filosófico, demonstrando que a

“(…) grande fundamentação histórico-filosófica, que os grandes movimentos revolucionários do Ocidente moderno (protestantismo, liberalismo, revolução francesa, positivismo, nazi-fascismo e outros) são etapas da Revolução cultural

⁸ Ibidem.

anticristã que está em curso desde o século XIV". (Atualidades sobre RCR, p. 34).⁹

Frente à decadência da Idade Média, em que Deus é colocado de lado e o racionalismo se torna centro e base da gestão universal, Plínio toma a partir do século XIV um olhar profundo sobre o desenrolar da história e as diversas decadências advindas deste século do racionalismo.

Assim, ele faz um parecer da Revolução dentro da história e abarca as três dimensões principais em que a Revolução atingiu seu ápice. – Como já explicitado em alguns pontos deste capítulo, as três Revoluções analisadas por Plínio, são: Revolução Protestante, Revolução Francesa e Revolução Comunista.

Nos comentários que Plínio Corrêa se sentia apto e desenvolvia singelas percepções dos fatos, podemos interpretar este espírito penetrante da história na sua obra RCR, em que nos aponta o fluxo cultural e dos costumes datados dos séculos XIV e XV, em que a decadência era manifestada frente aos costumes da decência e dos tesouros do pensamento cristão medieval. É descrito com minúcia essa mudança de mentalidade nos séculos destacados, que

O apetite dos prazeres terrenos se vai transformando em ânsia. As diversões se vão tornando mais frequentes e mais suntuosas. Os homens se preocupam sempre mais com eles. Nos trajes, nas maneiras, na linguagem, na literatura e na arte o anelo crescente por uma vida cheia de deleites da fantasia e dos sentidos vai produzindo progressivas manifestações de sensualidade e moleza. Há um paulatino deperecimento da seriedade e da austeridade dos antigos tempos. Tudo tende ao risonho, ao gracioso, ao festivo. Os corações se depreendem gradualmente do amor ao sacrifício, da verdadeira devoção à Cruz, e das aspirações de santidade e vida eterna. (RCR, p. 26).¹⁰

II.3 Revolução e Igualitarismo

Visto que a Revolução está intrinsecamente ligada ao espírito do homem, nos seus problemas de alma mais profundos, com o firme intento de apagar a Idade Média e voltar ao mundo antigo, a imagem de Deus é

⁹ SANTOS, Ivaldo. Atualidade de Revolução e Contra Revolução de Plínio Corrêa de Oliveira. Natal, 2012, p. 10.

¹⁰ CORRÊA, Plínio. Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 1998, p. 26.

dissolvida e, conseqüentemente se tende a desenvolver os valores metafísicos da Revolução manifestos na Cultura, no Estado e etc.

No desenrolar da Revolução, o homem abandonou suas aspirações medievais, isto é: o estar voltado para Deus na busca pelas virtudes, amor à nobreza e reverência pela hierarquia e seu posicionamento autêntico dentro do grau hierárquico que lhe competia e deixou-se ser cativado pelo falso esplendor da modernidade.

Deste modo, o homem permitiu-se levar pelo orgulho e sensualidade e se revoltou contra qualquer hierarquia quebrando todos os padrões de leis, mesmo as leis naturais impressas no ser humano. Diante dessa dualidade – orgulho e sensualidade –, podemos enxergar claramente como ambas geraram o que foi a Revolução Protestante, a Revolução Francesa e a Revolução Comunista.

Tendo isto em mente, a obra RCR demonstra que “procurando muitas vezes não colidir de frente com a velha tradição medieval, o Humanismo e a Renascença tenderam a relegar a Igreja, o sobrenatural, os valores morais da Religião, a um segundo plano” (RCR, p. 27).¹¹ A antiguidade trazia a tona o espírito pagão, pensamento totalmente contra o modo de pensar cristão.

Nesse sentido, podemos com a percepção do paganismo, da crise da alma humana revestida dos caracteres metafísicos da Revolução, delinear a estrutura dorsal da Revolução Protestante, Francesa e Comunista destacando o orgulho e a sensualidade como dissolução da ordem.

Assim nos diz RCR “(...) O orgulho e a sensualidade, em cuja satisfação está o prazer da vida pagã, suscitaram o protestantismo”(RCR, 28).¹² De forma mais delineada,

O orgulho deu origem ao espírito de dúvida, ao livre exame, à interpretação naturalista da Escritura. Produziu ele a insurreição contra a autoridade eclesiástica, expressa em todas as seitas pela negação do caráter monárquico da Igreja Universal, isto é, pela revolta contra o Papado. Algumas, mais radicais, negaram também o que se poderia chamar a alta aristocracia da Igreja, ou seja, os Bispos, seus Príncipes.

¹¹ Ibidem, p. 27.

¹² CORRÊA, Plínio. Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 1998, p. 28.

Outras ainda negaram o próprio sacerdócio hierárquico, reduzindo-o a mera delegação do povo, único detentor verdadeiro do poder sacerdotal. (RCR, p. 28).¹³

À época antes da explosão da Revolução Protestante, propagada por Lutero, o domínio das Sagradas Escrituras era de inteira responsabilidade da Igreja, já que somente Ela quem tinha o conhecimento da língua assim como o domínio exegético das Escrituras e, sob luz da sã Tradição, antes vigente, é que era possível uma leitura verdadeira e autêntica da Palavra Divina.

O orgulho que rompia com toda forma de hierarquia rompeu com a autoridade de interpretação das Escrituras. Deste modo, o papado já não era mais visto como um desígnio de Deus, o Papa deixou de ser o soberano vigário de Cristo e com a dissolução hierárquica, sua missão passou a ser vista como simples delegação do povo e não da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade como outrora era da fé de todos os católicos.

Dado isso, se colocou diante de todos a queda da monarquia da Igreja. No plano moral, o triunfo da sensualidade no protestantismo se afirmou pela supressão do celibato eclesiástico pela introdução do divórcio.

No mesmo espírito da Revolução Protestante podemos acompanhar o desenvolvimento da Revolução Francesa como clareza do requinte, visto que o “humanismo naturalista e o protestantismo se requintaram na Revolução Francesa”. (RCR, 45).¹⁴ Dessa forma é possível notar que estando

(...) afim com o protestantismo, herdeira dele e do neopaganismo renascentista, a Revolução Francesa realizou uma obra de todo em todo simétrica à da Pseudo-Reforma. A Igreja Constitucional que ela, antes de naufragar no deísmo e no ateísmo, tentou fundar, era uma adaptação da Igreja da França ao espírito do Protestantismo. E a obra política da Revolução Francesa não foi senão a transposição, para o âmbito do Estado, da “reforma” que as seitas protestantes mais radicais adotaram em matéria de organização eclesiástica:

- Revolta contra o Rei, simétrica à revolta contra o Papa;

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem, p. 45.

- Revolta da plebe contra os nobres, simétrica à revolta da “plebe” eclesiástica, isto é, dos fiéis, contra a “aristocracia” da Igreja, isto é, o Clero;
- Afirmação da soberania popular, simétrica ao governo de certas seitas, em medida maior ou menor, pelos fiéis. (RCR, p. 29-30).¹⁵

Trazendo os mesmos caracteres metafísicos da Revolução dentro da história, veio mais a frente estourar no ano de 1789 a Revolução Francesa. Plínio Corrêa faz de forma bem colocada à comparação que vimos acima, o que outrora foi a revolta contra o papado, é agora na Revolução Francesa, a revolta contra o Rei, e não somente, mas sua decapitação em praça pública pelo instrumento da Revolução, a guilhotina.

O povo, febricitado contra a ordem, faz grande revolta contra o clero na Revolução Protestante e na Revolução Francesa isso se repete, mas agora contra a nobreza. Por fim, a hierarquia como símbolo da ordem divina dá lugar à República, como domínio do povo que outrora estava oprimido, hasteia a bandeira revolucionária que grita: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”.

O processo dado na Revolução Protestante e na Revolução Francesa encontram requinte na Revolução comunista. Dessa forma, analisando a essência da Revolução nos caracteres metafísicos, RCR nos aponta novamente que a

(...) sensualidade, revoltada contra os frágeis obstáculos do divórcio, tende por si mesma ao amor livre. O orgulho inimigo de toda superioridade, haveria de investir contra a última desigualdade, isto é, a de fortunas. E assim, ébrio de sonhos de República Universal, de supressão de toda autoridade eclesiástica ou civil, de abolição de qualquer Igreja e, depois de uma ditadura operária de transição, também do próprio estado, aí está o neobárbaro do século XX, produto mais recente e

¹⁵ CORRÊA, Plínio. Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 1998, p. 29-30.

mais extremado do processo revolucionário. (RCR, p. 30).¹⁶

Percorridos as etapas da Revolução Protestante que manifestou sua luta contra a monarquia dentro da Igreja, perpassando a Revolução Francesa que destituiu o poder do Rei elevando a República como poder do povo temos uma terceira investida revolucionária: a Revolução comunista.

O orgulho e a sensualidade por si mesmos gerou, na Revolução Comunista, a inveja entre as classes. O novo intento se dará entreaqueles que têm menos contra àqueles que têm mais. Vale pontuar que aqui não há o fator da meritocracia e esforços de uns que desenvolvem melhor seu trabalho na sociedade que outros, e sim uma dissolução utópica da hierarquia.

A religião nesta revolução é vista como uma droga que impede o povo de lutar contra a desigualdade e em prol dos seus direitos. No parecer do grande agente da Revolução Comunista – Karl Marx –, “a religião é o ópio do povo”. Todo poder, outrora destruído nas revoluções anteriores toma força maior e visível nesta última, a Revolução Comunista.

Analisando o processo histórico-filosófico da Revolução por excelência, em que pudemos observar o movimento das revoluções, obtemos o conhecimento de que os caracteres metafísicos se repetem e lançam um olhar a partir da revolta alicerçada no orgulho e na sensualidade manifestando o igualitarismo decadente da ordem instituída por Deus.

Desse modo, notamos que na Revolução Protestante há a dissolução do poder eclesiástico, dando lugar aos leigos, uma autoridade que era dirigida apenas àqueles que estavam revestidos do poder sacerdotal, gerando um relativismo decadente da leitura das Sagradas Escrituras, como dito, e a desordem fruto do espírito da dúvida.

Ainda no Protestantismo, vimos os efeitos causados pela sensualidade, parcela que dissolveu, em vários ambientes, a estrutura divina da família, causando desordem na estrutura social com a instalação do divórcio.

¹⁶ CORRÊA, Plínio. Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 1998, p. 30.

No cenário da Revolução Francesa vimos à decadência do sistema de governo da Monarquia, onde o Rei, figura de autoridade do estado por ordem divina, decaí pela lâmina da guilhotina dando lugar ao povo, que em debandada gera uma desordem gigantesca na França do século XVIII.

Por fim, o Comunismo que tende a desintegração da autoridade, gerando uma revolta terrível dos empregados contra os seus patrões, não aceitando a harmonia que existe entre a desigualdade das classes e acatando toda a transcendência como um mero conto de fadas.

Visto isso, há dois níveis que podemos acentuar onde o orgulho é manifesto como negativo para a ordem em vários âmbitos: Em um primeiro momento a “(...) pessoa orgulhosa, sujeita à autoridade de outra, odeia primeiramente o jugo que em concreto pesa sobre ela”. (RCR, 62).¹⁷ Uma pessoa orgulhosa não aceita o mando de outrem, sempre busca se destacar pela revolta e por causar a desordem. De forma mais profunda “o orgulhoso odeia genericamente todas as autoridades e todos os jugos, e mais ainda o próprio princípio de autoridade, considerado em abstrato” (RCR, p. 62).¹⁸

II.4 Consequências da dissolução hierárquica

Nisso, visto de forma mais minuciosa, podemos observar a revolta contra Deus, e toda moral ocasionada pela estrutura da civilização cristã, onde em tudo há hierarquia, que tende a um plano perfeito e ordenado.

Como tese principal podemos observar que o orgulho é contra toda autoridade, buscando implantar um igualitarismo das diversas formas, entre elas: Igualdade entre os homens e Deus, Igualdade na esfera eclesiástica, Igualdade entre as diversas religiões, Igualdade na esfera política, Igualdade na estrutura da sociedade, Igualdade econômica, Igualdade de almas entre outros. Destacamos para melhor elucidar os problemas derivados do Igualitarismo o último tópico apontado, ou seja, o Igualitarismo das almas. Nisso, tomemos as palavras de Pio XII (citação na página 65 de RCR)

(...) a propaganda como que padroniza todas as almas, tirando-lhes as peculiaridades, e quase a vida própria. Até as

¹⁷ CORRÊA, Plínio. Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 1998, p. 62.

¹⁸ Ibidem.

diferenças de psicologia e atitude entre os sexos tendem a minuar o mais possível. Por tudo isto, desaparece o povo que é essencialmente uma grande família de almas diversas mas harmônicas, reunidas em torno do que lhes é comum. E surge a massa, com sua grande alma vazia, coletiva, escrava.¹⁹

Temos este parecer que eleva de modo autêntico a crítica do pensamento pliniano ao intento revolucionário que busca aplicar o igualitarismo de forma radical. Pio XII, fora muito acertado na palavra 'peculiaridade' referente a gama de pessoas que vivem em uma mesma sociedade, possuem suas qualidades, se destacam por seus esforços, projetam sonhos extraordinários que servem para a sociedade como um todo.

E não é pelo motivo de cada um possuir uma peculiaridade distinta que a sociedade não é tida como harmônica, pelo contrário, é semelhante a diversas notas musicais desiguais que são aplicadas em um determinado instrumento, que gera em unísono uma belíssima canção.

Plínio, para fortalecer sua análise crítica do processo revolucionário, ainda destaca algumas etapas da Revolução que faz jus destacar, entre elas: a negação do bem e do mal, negação do pecado original e Redenção.

Não é difícil observar na sociedade atual que vivemos a negação do bem e do mal. Os sistemas filosóficos contemporâneos desprezam por completo a transcendência pensada na Idade Média, quando o olhar da inteligência estava todovoltado para Deus, e que hoje, de forma negativa, projeta a razão como autoridade suprema e luz primordial da verdade, estando esta verdade para além do bem e do mal.

Com o advento de uma teologia que descarta o caráter tradicional de modéstia, castidade e pudor, tudo é tomado como abstração. É visível a desordem gerada na cabeça de tantas pessoas. A virtude, o sacrifício é tido como algo ultrapassado, e que a permissão da fluência das paixões da carne se trata de um autoconhecimento da pessoa mesma, sendo isto uma falácia. Contudo, não são mostradas as consequências da destruição da ordem no ser humano.

¹⁹ CORRÊA, Plínio. Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 1998, p. 65.

Ainda fruto da Revolução pela visão do socialismo e do liberalismo, temos um grave problema com a dissolução da ideia de pecado original. Toma firme posição frente à visão que deveria se ter do homem, como pecador e tendente a redenção, a imaculada concepção do indivíduo. Desse modo, nos aponta RCR

Na fase liberal e individualista, ela ensinou que o homem é dotado de uma razão infalível, de uma vontade forte e de paixões sem desregramentos. Daí uma concepção da ordem humana, em que o indivíduo, reputado um ente perfeito, era tudo, e o Estado nada, ou quase nada, um mal necessário... provisoriamente necessário, talvez. Foi o período em que se pensava que a causa única de todos os erros e crimes era a ignorância. Abrir escolas era fechar prisões. O dogma básico destas ilusões foi a concepção imaculada do indivíduo. (RCR, p. 84).²⁰

Diante disso, analisamos de forma clara no desenvolvimento detalhado do método-histórico-filosófico na história das crises revolucionárias que o homem que se eleva a uma estrutura imaculada da própria humanidade, eleva os problemas a um nível de desordens catastróficas. E isso não se trata de uma crise isolada, mas há todo um sistema histórico que nos permite enxergar a cadência de como a estrutura da Revolução é construída e como suas tendências e ideias são visíveis no dia a dia.

Nesse mesmo sentido, podemos acompanhar minuciosamente o pensamento abordado neste próximo capítulo, tendo a percepção da Revolução nas entranhas do pensamento crítico de Paulo Freire.

²⁰ CORRÊA, Plínio. Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 1998, p. 84.

III. Crítica à Educação Bancária

III.1 Explicação crítica de Paulo Freire à Educação Bancária

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), proclamado patrono da educação brasileira – estabelecido pela Lei nº 12.612, no ano de 2012 –, traz à tona um pensamento estruturalmente pedagógico e fundamentado por bases marxistas.

Conforme narra sua biografia, "Paulo Freire nasceu em Recife estado do Pernambuco no ano de 1921. Em sua cidade cresceu e decidiu estudar Direito na faculdade de Recife, porém ele não assumiu a advocacia reclinando-se a área da educação".²¹

Após o choque ocasionado pela popularidade do seu método de ensino, – intitulado método Paulo Freire – na época da intervenção militar no Brasil do ano de 1964, Freire passa 72 dias preso como criminoso político, e após este período é exilado por quase 16 anos, a maior parte vivida no Chile.

É nesse contexto que uma de suas obras mais lida e debatida – A pedagogia do oprimido – é escrita.

Ali, ele trata o desenvolvimento social a partir das bases educacionais e busca, a todo custo, desenvolver uma crítica ao modelo educacional vigente nas escolas da época. E para tal educação Freire dá o nome de Educação Bancária, manifestando a opressão do educador sobre o educando, apontando a impossibilidade de o ser humano ser mais realizador da sua vocação.

Além disso, é na Pedagogia do Oprimido que ele propõe uma releitura da educação à luz do pensamento marxista, apontando o educando não simplesmente como um ser receptivo de informações, mas como um agente crítico da sua realidade.

²¹ FRANÇA, Aparecida de. A pedagogia crítica de Paulo Freire e as consequências do exílio. Disponível em: <[http://cac-
php.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/35.pdf](http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/35.pdf)> Acesso em: 7 de Set. 2018.

Para Freire o ser humano deve ser autêntico, completo, estar atento ao que se passa a sua volta, e não simplesmente alguém que sofre as penúrias da 'opressão'. Isto é, ser mais. Frente a isso ele desenvolve uma pedagogia problematizadora com intuito de promover alibertação da classe oprimida da opressão ocasionada pela cultura impressa nas escolas de âmbito 'opressor' tradicionalista e de viés capitalista, daí o nome educação bancária.

Nesse panorama, França (2010) aborda o percurso traçado por Freire e seu engajamento enquanto educador dos mais pobres apontando que (página 5),

Nesse sentido o primeiro país que Freire alojou-se foi o Chile onde trabalhou no Centro para estudos de Desenvolvimento e Mudança Social na Universidade de Harvard, tendo a possibilidade de mostrar um pouco de sua proposta para a educação, e ao mesmo tempo conhecendo a realidade educacional no Chile. Em seguida Freire mudou-se para Genebra na Suíça onde ele não cruzou os braços, desenvolvendo e estimulando pesquisas na busca em construir uma sociedade mais humana, com o seu revolucionário método de alfabetização. Pois seu empenho se constituía em ensinar os mais pobres, e ainda, de torná-los conhecedores das relações que os cercam, por isso ele refere-se a uma pedagogia da libertação.²²

Nessa linha de raciocínio, podemos nos atentar para o tópico central da nossa discussão: elevar à luz o posicionamento crítico e suas bases efetuadas por Freire em relação à pedagogia aplicada à sua época, destacando em relação aos mais pobres uma forma de opressão vigente a estes, fruto de um pensamento opressor.

A crítica analítica que permeia nosso trabalho, conhecida como educação bancária, lança-nos a buscar suas bases na estrutura primeva desenvolvida por Freire na "Pedagogia do Oprimido". Na obra "Introdução à psicologia escolar", Helena (1971), nos diz que a Educação bancária

²² FRANÇA, Aparecida de. A pedagogia crítica de Paulo Freire e as consequências do exílio.

Disponível em:

<<http://cacphp.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/35.pdf>> Acesso em:

7 de set. 2018.

(...) pressupõe uma relação vertical entre o educador e educando. O educador é o sujeito que detém o conhecimento, pensa e prescreve, enquanto o educando é o objeto que recebe o conhecimento, é pensado e segue a prescrição. O educador 'bancário' faz 'depósitos' nos educandos e estes passivamente as recebe.²³

A crítica diante do método pedagógico bancário encontra alicerce numa análise do homem inserido na dimensão opressor-oprimido. Tomando emprestada a teoria marxista, Freire desenvolve uma aplicação hermenêutica deste pensamento na educação.

Deste modo, podemos ter como base os pontos principais da percepção desta crítica frente à realidade, como dialética da opressão e àqueles que são vítimas, os oprimidos, e lançar luz sobre as bases que tornaram possíveis sua crítica ao método bancário pedagógico.

III.2 Educação crítica libertadora

É viável, neste seguimento, nos atermos à raiz mesma do pensamento crítico à educação bancária, destacando sua linhagem original. Marx identifica na história a polaridade contraditória das classes proletária e burguesa. Assim, nos aponta Reale (2005, p. 198)

Opressores e oprimidos: eis, portanto, o que Marx vê no desenrolar da história humana em sua totalidade. E a nossa época, a época da burguesia moderna, não eliminou em absoluto o antagonismo das classes: pelo contrário, simplificou-o, visto que "toda a sociedade vai se dividindo cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente contrapostas uma à outra: burguesia e proletariado".²⁴

²³ PATTO, Maria Helena. "Educação 'Bancária' e Educação Libertadora". Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/2339567>> Acesso em: 7 de set. 2018.

²⁴ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. : História da Filosofia. Do Romantismo até nossos dias. São Paulo, 2005, p. 198.

É nessa dicotomia Opressor-oprimido que Freire toma como base a sua leitura da realidade que se encontrava. Assim, dá início de modo crítico a construção das consciências pelo viés da luta de classes, em que o oprimido, impedido de ser humano, ou que Freire chama de 'ser mais', vive submisso a opressão da classe dominante, ou seja, a classe opressora.

Sua crítica, como ele mesmo aponta, não é fruto de devaneios ou de leituras soltas, mas é uma percepção crítica frente àqueles homens que desprovidos da realização da sua vocação, estavam imersos na condição desumana que lhes era apresentada. Sua leitura é feita, como já apontamos, voltada aos desfavorecidos.

O modo percorrido por Freire nos dá a sensação de tocarmos a realidade por ele vivida. Delineia de modo filosófico uma crítica que emana daquela situação precária em que o homem deseja realizar sua vocação de homem, mas algo lhe impede de atingir um senso crítico de busca pela realização da sua humanidade.

Dessa forma, podemos nos questionar: o que impede o homem de realizar a sua vocação enquanto um ser inteiramente humano?

Antes de respondermos a esta pergunta é preciso apontar que a humanização do homem é uma característica peculiar na obra de Freire. Ser mais, vivenciar a vocação de ser homem não é dado sem antes haver uma luta que propicie um engajamento comprometido com o homem na sua totalidade.

Marx já havia desvelado a problemática divisória da humanidade que girava em torno da distinção burguês e proletário. É por essa via que Freire vê, naqueles oprimidos que estavam diante de si, essa mesma dicotomia e, embora nomeie de forma distinta, o substrato é o mesmo. Isto é, dá o nome de opressor e oprimido – ao que Marx chamou de burguês e proletariado –, e na crítica central que estamos frisando, a educação bancária, educador e educando.

Toda obra de Freire, "Pedagogia do Oprimido", é um clamor à classe oprimida para que tomem as rédeas da situação e lutem pela sua vocação. Faz isso porque ao longo do seu trajeto enquanto observador das classes

desfavorecidas enxerga o medo que lhes é intrínseco. Medo daqueles que com pulso de ferro subjagam a humanidade que deveriam buscar, mas que, segundo Freire, os opressores, que impedem os oprimidos de alcançarem a humanidade, não às possuem.

E, à medida que impedem a busca pelo 'ser mais' dos oprimidos, se fazem também desfavorecidos, pelo ato impresso na realidade existente de serem homens. E nisso, a missão pela remissão da humanidade das classes apontadas deve ser realizada pelos oprimidos,

(...) ai está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, este poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. (Justificativa da Pedagogia do Oprimido, p. 2).²⁵

Neste sentido, podemos enxergar a profundidade com que os oprimidos estão relacionados à opressão que sofrem. Não sendo eles realizados pela vocação de ser homem, muito menos os opressores que negam ser humanos por oprimirem, é passível de verificação que àqueles que sofrem tendem a manifestar seu suplício de forma mais contundente.

E como Freire expressa, a missão dos oprimidos é libertar-se das garras dos opressores para alcançarem a humanidade que lhes fora negada, não somente a sua, mas também daqueles que oprimem. Nesse sentido a proposta da pedagogia de Freire é elevar a meditação crítica diante da opressão para quê

(...) forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação em que esta pedagogia se fará e refará.” (Justificativa da Pedagogia do Oprimido, p. 2).²⁶

²⁵ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, 1987, p. 16-17.

²⁶ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, 1987, p. 17.

Assim, podemos delinear a proposta crítica de Freire ao instrumento central da sua reflexão para a autêntica libertação dos homens, sendo esta a educação.

Estando bem orientado pela visão crítica da dicotomia opressor e oprimido, Freire buscará, na pedagogia, uma forma autêntica de auxiliar os oprimidos na busca por sua liberdade. Assim ele tece diversas críticas a educação formal, ou mais especificamente conhecida como educação bancária.

Imbuído pelo espírito de autenticidade, Freire critica com firme prontidão a forma narrativa e dissertadora da pedagogia que tinha diante de si e que manifestava certa petrificação do ser humano no seu aspecto crítico.

Dita sua inquietação no modo como a realidade era tomada, como “algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente a suprema inquietação desta educação” (A concepção bancária da educação..., p. 1).²⁷

Ao longo da sua obra Freire aponta a importância de olhar de modo crítico a realidade, superando os medos, e propondo uma nova visão de liberdade. Contudo, ele se depara com uma forma de exposição educativa que lança severas críticas a tal sistema. O funcionamento dele se dá mediante a formas expositivas que geram no educando uma memorização do conteúdo exposto pelo professor, impedindo-o de ter uma visão mais ampla da sua condição e de como muda-la. Coloca-os a mercê de um ensino padrão e alienante.

Esta forma, segundo Freire,

(...) conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em vasilhas, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educando serão.²⁸

²⁷ Ibidem, p. 33.

²⁸ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, 1987, p. 33.

E este modelo educacional vai contra toda a proposta freiriana de crítica e autonomia. A dualidade educador-educando está baseado na didática opressora, onde o professor é aquele que ensina de forma mecânica, e os educandos são aqueles que absorvem, através de uma linguagem petrificada um conteúdo desprovido da realidade. Assim

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los.²⁹

A figura do educador, na visão freiriana enquanto mensageiro da educação bancária, traz em si a figura encarnada do opressor que vai contra a proposta de libertação, sua visão hierárquica o posiciona como opressor frente aos educandos, reconhecendo "na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência"³⁰

É possível modelarmos a imagem daquele educador, detentor do conhecimento, entrando em sala de aula e imputando silêncio e ordem aos educandos, manifestando sua rigidez e autoridade, impedindo os educandos de se realizarem na vocação de 'ser mais'. Tal forma de pensar e atuar do educador impossibilita aquele educando, oprimido, de realizar-se criticamente no meio da sociedade opressora. É evidente o medo que corre nas veias destes educandos, pois encontra uma barreira, em uma mentalidade acrítica e alienada, intransponível.

Freire se destaca na pedagogia por formular uma nova perspectiva crítica da educação. Ele olha a forma bancária de educação e analisa a periculosidade da forma narrativa desprendida da realidade. Sua crítica tende a encontrar libertação ontológica do ser humano, modificar suas entranhas cognitivas e modificar seu estado de opressão. Contudo, "o que pretendem os opressores 'é transformar a mentalidade dos oprimidos não a situação que os

²⁹ Ibidem.

³⁰ Ibidem, p. 34.

opprime', e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine".³¹

Assim, ele esmiúça de forma mais detida e pontual o modelo bancário de atuação como instrumento intencional do sistema de opressão e afirma que:

Na medida em que esta visão "bancária" anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. O seu "humanitarismo", e não humanismo, está em preservar a situação de que são beneficiários e que lhes possibilita a manutenção de sua falsa generosidade (...). Por isto mesmo é que reagem, até instintivamente, contra qualquer tentativa de uma educação estimulante do pensar autêntico, que não se deixa emaranhar pelas vias parciais da realidade, buscando sempre os nexos que prendem um ponto a outro, ou um problema a outra (Idem).³²

Este pensamento deixa transparecer de uma forma muito clara todo percurso da educação bancária e seus agentes. Estes tem uma missão muito peculiar que é estar dia após dia alienando os alunos, para que estes fiquem passíveis diante da ameaça frente à crítica do conteúdo bancário, tais métodos são dados em "aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos 'conhecimentos'; na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de promoção, em tudo há sempre a conotação 'digestiva e a proibição ao pensar verdadeiro".³³

Tudo conduz à opressão por parte da classe opressora minoritária, pois consciências amordaçadas pela lida diária da educação bancária, torna os oprimidos da educação acrílicos frente à realidade que os circunda, e os maiores interessados, segundo Freire, são " os opressores que estarão tão mais em paz, quanto mais adequados estejam os homens ao mundo. Quanto mais adaptados, para a concepção 'bancária', tanto mais 'educados', porque adequados ao mundo." (Idem).³⁴

³¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, 1987, p. 34.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*, 36-37.

³⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, 1987, p. 36

Tal pensamento aponta de forma veemente a importância de um pensamento que seja baseado na práxis, uma mentalidade reflexiva, mas que esteja intimamente relacionado com o meio circundante. Dessa forma, o educador, tal como nos aparece em sua forma bancária, impede o diálogo e a reflexão em meio à realidade dos oprimidos, este tende a manifestar sua autoridade de modo a contribuir com a proposta bancária, tão bem quista, segundo Freire, pela classe opressora.

III.3 Ação dialógica geradora da dissolução educador-educando

O pensamento reflexivo nasce junto aos educandos, a partir da realidade em que se encontram, o educador não deve viver no seu mundo isolado, o seu pensamento deve estar ligado pela comunicação, em torno de uma realidade. “E, se o pensar só assim tem sentido, se tem sua fonte geradora na ação sobre o mundo, o qual mediatiza as consciências em comunicação, não será possível a superposição dos homens aos homens. ”.³⁵

Eis um ponto crucial: a dissolução da hierarquia educador-educando bem evidenciado, sendo esta “superposição, que é uma das notas fundamentais da concepção ‘educativa’ que estamos criticando, mais uma vez a situa como prática da dominação”.³⁶. Não deve haver alguém que seja detentor do conhecimento, ou ocupe uma escala superior, mas educador e educando estão no mesmo nível, tese crítica da concepção educativa de Freire.

Frente a isso que foi dito sobre a superação educador e educando, Freire aponta sua proposta de educação libertadora, acentuando que ela enquanto

(...) problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à

³⁵ Ibidem, p. 37.

³⁶ Ibidem.

cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (A CONCEPÇÃO BANCÁRIA E A CONTRADIÇÃO EDUCADOR EDUCANDO, P. 4).³⁷

O senso crítico de Freire é observador e pontual, frente a tantas barreiras que são geradas pela educação bancária, uma das mais graves é a falta de diálogo, tão essencial para a instauração da educação crítica libertadora.

O tutor, ante os educandos, está portado como àquele simples narrador que oprime a criatividade dos alunos, sua autoridade impede a vocação do 'ser mais', e frente ao caráter desta educação opressora, é nos dado perceber que "a educação 'bancária' nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica.".³⁸

Detidos até o momento no pensamento reflexivo crítico de Paulo Freire, destacamos a leitura da realidade pelo viés opressor-oprimido, em que o segundo detém diversas limitações imputadas pelo opressor na busca da realidade da sua vocação de 'ser mais'.

Analisamos o instrumental utilizado por Freire para a mudança social para a libertação tanto do opressor quanto do oprimido, e isso é evidenciado pela reflexão crítica da educação, manifestando a inautenticidade da educação bancária, tão hostil e precária, e o desvelamento da libertação dos homens, salvação da ignorância, elevação do estado crítico, e práxis atual pela educação libertária.

Já podíamos pressupor que a educação formal, dirigido de forma narrativa impedia os educandos a tomarem um posicionamento crítico libertário frente aos opressores, pois este sucumbia a reflexão e o livre alvorecer do pensar. Dessa forma,

não seria possível à educação bancária problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos." (NINGUÉM EDUCA NINGUÉM, NINGUÉM EDUCA A SI MESMO, OS

³⁷ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, 1987, p. 39.

³⁸ Ibidem.

HOMENS SE EDUCAM ENTRE SI, MEDIATIZADOS PELO MUNDO, P. 1).³⁹

A proposta revolucionária de Paulo Freire toma uma densidade corpórea nesta reflexão da superação, dita por ele, contraditória entre o educador e os educandos. A hierarquia estabelecida de autoridade que tínhamos em vista, em que o professor, enquanto detentor do conhecimento imputava aos seus alunos de forma dissertativa o conteúdo por ele explicitado na sua reflexão pessoal, o que também é passível de crítica ao olhar freiriano, pois impede a participação dos educandos na construção dos conteúdos a serem debatidos, é dissolvido pela crítica que traz a forma reflexivo problematizadora da educação, sendo que

(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.⁴⁰

III.4 Consequências da dissolução hierárquica

Sabemos que está reflexão sobre a liberdade, dada ao longo do conteúdo exposto acima, está alicerçado no igualitarismo que tende a romper com os opressores e conseqüentemente com a dissipação da posição de oprimidos, tendo extensão também na dicotomia educador e educandos, trazendo à baila uma forma freiriana de enxergar a educação, tal como a proposta de Marx ao instalar o comunismo – buscando a dissolução das classes –. Freire aponta nesta crítica que faz a educação que

agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática 'bancária', são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos." (Idem).⁴¹

³⁹ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, 1987, p. 39.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, 1987, p. 39.

A crítica efetuada pela concepção freiriana libertária vela pela mediatização da educação, tendo como finalidade, em relação ao educando, fazer com que ele aprenda de fato conhecimentos que possibilitem uma reflexão crítica com o mundo.

Obviamente, a crítica que é feita à concepção bancária está contraditoriamente a essa ideia de libertação, pois parte do pressuposto pedagógico narrativo dissertativo, que tende a levar o educando a simples memorização, e não o tão almejado conhecimento crítico. Tal fator é dado na autoridade do professor que, de posse do conhecimento, constrói a sua explanação narrativa desconexa da realidade mútua educador-educando, dando sua exposição de forma monológica e não dialógica.

Na concepção freiriana de educação não existe essa barreira, senão que de forma mútua, não havendo uma autoridade que educasse de forma isolada, nem educando que memorizasse de forma mecânica, mas sim uma unicidade de interação dialógica que propicia essa dissolução dos pólos— educador versus educando — e propõe um ensino em conjunto, o educador que aprende com o educando à medida que ensina, e o educando que ensina à medida que aprende.

Assim, os educandos "em lugar de serem dóceis depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também."⁴²

A proposta pedagógica libertária de Freire busca ver o homem como real, palpável, concreto, não estando este desligado de forma abstrata, mas analisa este enquanto participante de uma história, de uma realidade. A forma bancária de educação é falha neste sentido da realidade, enquanto percepção crítica e real.

Segundo Freire, a prática bancária "implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos" (Idem).⁴³ Por outro lado, "a educação

⁴² Ibidem, p. 40.

⁴³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, 1987, p. 40.

problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade." (Idem).⁴⁴

Podemos arriscar e dizer que a percepção inserida na mentalidade dos educandos a partir da perspectiva bancária é semelhante ao que Marx imputava à religião como ópio do povo, neste caso a educação bancária mantém o povo numa anestesia e incapacidade crítica abissal.

Frente à crítica, fazendo um paralelo entre educação problematizadora e educação bancária, podemos afirmar pela via freiriana que a educação bancária mantém as mentalidades imersas numa realidade opressora, carente de liberdade e senso crítico, enquanto a educação problematizadora traz a proposta de libertação das consciências, resultando numa inserção crítica na realidade.

Os antagonismos entre educação bancária e educação problematizadora passam a ser evidentes depois de toda análise que percorremos. Freire tece suas críticas de forma contundente, permitindo uma análise e resgate da realidade concreta onde os educandos estão inseridos. Desse modo, a partir das concepções expostas acima, podemos nos ater como é dirigida estas concepções em relação aos educandos, sendo que a

“bancária”, por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão sendo os homens no mundo e, para isto, mistifica a realidade. A problematizadora, comprometida com a libertação, se empenha na desmistificação. Por isto, a primeira nega o diálogo, enquanto a segunda tem nele a indispensável relação ao ato cognoscente, desvelador da realidade. (Idem, p. 3)⁴⁵

Como vimos observando, através da concepção educativa problematizadora, o opressor toma posse do mundo em que está intrinsecamente relacionado, não o habita simplesmente como coisa, ou ser passivo que se deixa levar pelo fluxo produto da opressão, mas se impõe de forma crítica dentro da realidade que o circunda, desvelando o mundo de forma autêntica.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem, p. 41.

Por fim, Freire enuncia com todas as letras que a educação problematizadora é revolucionária. Sua leitura da realidade em meio à pobreza que lhe fere a alma em relação à dicotomia opressor-oprimido, toma como princípio o instrumental marxista, desenvolvendo sua crítica à ferramenta pedagógica utilizada pelo opressor que ganha o nome de educação bancária, Freire aponta que

(...) a prática “bancária”, implicando no imobilismo (...), se faz reacionária, enquanto a concepção problematizadora que, não aceitando um presente “bem-comportado”, não aceita igualmente um futuro pré-dado, enraizando-se no presente dinâmico, se faz revolucionária.⁴⁶

Nesta revolução, a proposta é superar a opressão, a novidade que rompe com as duas concepções educador-educando lança a visão de ambos serem libertos e estarem no desenvolvimento para tornarem-se autenticamente homens, numa mesma direção e pé de igualdade rompem com o intelectualismo alienante, cuja ideia era apenas narração e dissertação, libertando-se do autoritarismo da educação “bancária”.

Obviamente, esta concepção educadora libertária não pode vir a servir ao sistema opressor, mas antes buscar libertação através dele.

Podemos ver agora como o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira sobre a Revolução tem continuidade no pensamento de Paulo Freire, ou seja, continuidade da Revolução pela hermenêutica comunista da educação crítica de Freire.

IV. Confronto de pensamentos

IV.1 Análise da Revolução na Educação de Paulo Freire à luz do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira

Ao longo deste itinerário, abordamos o pensamento de dois autores que tomam grande destaque por suas linhas de pensamento e o ambiente que ocuparam na história. De um lado observamos o percurso do pensamento de Plínio Corrêa que nos aponta de forma clara e objetiva a exposição da Revolução, tendo como destaque, entre as grandes revoluções ocorridas ao

⁴⁶ Ibidem, p. 42.

longo da história, a Revolução comunista. Esta, a que nos deteremos em consonância e análise do segundo autor abordado acima.

Tal autor, Paulo Freire, ganha espaço na dimensão pedagógica, trazendo uma forma de pensar alicerçada nos princípios críticos de Karl Marx. A luta de classes tão discursada e apontada acima, nos remete a pensar o ideal comunista que vigorou na história por muito tempo. Hoje, a interpretação na história da forma de pensar o comunismo aponta pelo viés cultural, uma revolução inteligente que não leva o ser humano somente a hecatombes desastrosas de âmbito físico, mas, num ensino ideológico, implanta sua forma de pensar e atuar na sociedade como um todo.

Esta fase do nosso estudo é um ponto ápice do que até aqui temos construído. É o momento de colocarmos os autores citados um diante do outro e demonstrar suas posições convergentes e divergentes. De um lado temos todo um emaranhado de pensamento crítico ao método revolucionário. Do outro, temos a posição aderente e receptiva da Revolução.

Naquilo que ambos os autores convergem na linha de pensamento contínuo da Revolução temos o movimento ideológico na história. No aspecto teórico e de análise que traçamos no segundo capítulo abordamos um parecer dos grandes eventos na história – Revolução Protestante, Revolução Francesa e Revolução Comunista - que passaram pela mesma raiz problemática geradora da Revolução enquanto tal. Lembrando que esta raiz é o orgulho e a sensualidade conforme descritas por Plínio Corrêa.

Neste mesmo movimento revolucionário obtemos, pelo pensamento de Paulo Freire, a confirmação de que o movimento desta Revolução não ficou estagnada nos momentos históricos descritos por Plínio Corrêa, mas que perdura atualizando constantemente até os dias atuais, tomando, no caso de Freire, uma atualização dentro das salas de aula.

A hermenêutica que nos propomos abordar, a partir da inspiração que apontamos acima deste trabalho, ou seja, de pensadores que se dispuseram a ter um posicionamento crítico frente às ideias de Paulo Freire, nos levaram a mergulhar no pensamento de Plínio Corrêa sobre a Revolução. Esta, como

vimos, está dentro da história em processo. Passamos, dessa forma, pelas três revoluções e enxergamos que tais revoluções tem por essência a decadência do homem que projeta sua desordem nas crises.

Tais desordens, tendo seu ponto inicial único, nos fez enxergar que a Revolução continua de forma constante nos diversos âmbitos da sociedade, como fora observado pela Revolução ocasionada por Martinho Lutero, e da revolta do povo contra a Monarquia na Revolução Francesa. Hoje, tomamos como continuidade da Revolução comunista o pensamento pedagógico de Paulo Freire.

Essa forma de pensar uma hermenêutica educativa pela via de acesso teórico comunista projeta Freire como um agente da revolução elevado a um grau considerável. Suas ideias, em primeiro momento, demonstram uma boa aparência. Podemos dizer, desvinculada de qualquer ideia que possa corroborar nosso intento de demonstrar que o fluxo da pedagogia do oprimido é uma continuidade daquilo que Plínio Côrrea acentuou com tanta maestria, como os males que a Revolução gerou na humanidade, instalando sua desordem e mazelas consequentes.

Entre as catástrofes na história, para termos noção do tamanho das consequências provenientes do espírito revolucionário, temos o declínio dos tesouros da Idade Média, a queda da monarquia, a utopia igualitária, e outros pensamentos divergentes da ordem projetada a partir de si mesma pelo cristianismo.

Na obra *Revolução e Contra-Revolução* vemos uma citação muito pontual da Encíclica *Immortale Dei* do Papa Leão XIII, descrevendo um tempo que foi propício para o desenvolvimento da sociedade, entre elas, a parte da educação baseado no cristianismo.

Nos diz o Papa

Tempo houve em que a filosofia do Evangelho governava os Estados. Nessa época, a influência da sabedoria cristã e a sua virtude divina penetravam as leis, as instituições, os costumes dos povos, todas as categorias e todas as relações da sociedade civil. Então a religião instituída por Jesus Cristo, solidamente estabelecida no grau de dignidade que lhe é devido, em toda parte era florescente, graças ao favor dos Príncipes e à proteção legítima dos Magistrados. Então o

Sacerdócio e o império estavam ligados entre si por uma feliz concórdia e pela permuta amistosa de bons ofícios. Organizada assim, a sociedade civil deu frutos superiores a toda expectativa, cuja memória subsiste e subsistirá, consignada como está em inúmeros documentos que artifício algum dos adversários poderá corromper ou obscurecer. (RCR, p. 56-57).⁴⁷

Temos diante desta citação a imagem da ordem que governava a Idade Média, a hierarquia era pautada pelo Evangelho. A nobreza vigorava, o pensamento florescia. A profundidade desta decadência foi tão grande na Idade Moderna e sua continuidade na forma de pensar da revolução sobre o cristianismo, que temos a afirmação-negação do cristianismo numa interpretação dada a partir do comunismo. Em primeira instância Marx apontou a religião como uma droga que amenizava a ação da classe proletária em relação àqueles que oprimiam, ou seja, os burgueses.

Contudo, temos uma nova interpretação do cristianismo. A religião na tradição comunista atual não é vista como ópio do povo, mas é feita uma assimilação do pensamento marxista em relação a Jesus Cristo como revolucionário. O próprio Paulo Freire, deixa muito claro em uma de suas entrevistas, essa assimilação do marxismo e do Cristo da revolução.

Assim, nos diz

Aquilo tudo me remeteu a Marx. Eu sempre digo, não foram os camponeses que disseram a mim: Paulo, tu já leste Marx?

Não, de jeito nenhum, eles não liam nem jornal. Foi à realidade deles que me remeteu a Marx. E eu fui a Marx.

E aí que os jornalistas europeus em 70 não entenderam a minha afirmação. É que quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. Então as leituras que eu fiz de Marx, alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das próprias favelas. Eu fiquei com Marx na mundanidade a procura de Cristo na transcendência.⁴⁸

Não é fruto do acaso que traçamos um embate constante entre o cristianismo e o marxismo, principalmente tratando de dois autores que fundamentam sua linha de pensamento através desse percurso dispare.

⁴⁷ CORRÊA, Plínio. Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, 1998, p. 56-57

⁴⁸ FREIRE, Paulo. Paulo Freire fala de Marx e Cristo. 2017. (1m21s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2fDVNoqExFo&t=4s>> . Acesso em: 18 set. 2018.

De um lado temos toda fundamentação do pensamento baseado na ordem proporcionada por Deus, dado, como vimos, no decorrer da exposição do pensamento de Plínio, onde sua base de análise da realidade desordenada que lhe foi colocada, exemplo claro na cena do colégio São Luís, foi sua educação católica onde Cristo, manifesto pela imagem do Sagrado Coração de Jesus, proporcionava a percepção universal de ordem. De outro âmbito, temos o pensamento de Paulo Freire, que eleva a forma de pensar marxista, tese condenada pela Igreja (cf. Carta Encíclica Rerum Novarum, do Papa Leão XIII), como sua principal base de interpretação da educação.

IV.2 Crise na Educação como fruto da Revolução

Neste embate, entre os pensamentos, podemos através de uma ótica filosófica pliniana, a exemplo da visão da barbárie no colégio São Luís conduzido pelos alunos febricitados, voltar a analisar como a estrutura de pensamento de Freire, mediante a sua crítica à educação bancária, foi uma assídua conformidade na implantação da Revolução no âmbito escolar.

Frente a isso, precisamos fazer uma breve elucidação do pensamento histórico revolucionário e a continuidade deste motor da Revolução na obra encarnada socialmente pela via do pensamento crítico igualitário educativo freiriano.

Lembremos que o modo de pensar de Paulo Freire é tipicamente moderno. É dado a partir de um rompimento com a tradição, onde não existe interesse, principalmente quando percebemos que o assunto das suas obras carece de explicações mais ponderadas e clássicas. Os pensadores de referência citados no desenvolvimento da obra *Pedagogia do Oprimido* são abertamente adeptos ao comunismo, entre eles podemos citar: Che Guevara, Mao Tse Tung, Jean Paul Sartre e o próprio Marx.

A obra de Plínio Corrêa demonstra que há sim, na interpretação da educação de Freire, uma gama histórica por trás, ainda que velada. Como bem acentuamos, a Revolução é um processo histórico que desde o século XIV vem neste movimento temporal fazendo mudanças históricas no mundo. Desse modo, podemos afirmar, há sim, uma historicidade do método Paulo Freire. Tal

sistema é uma continuação histórica da Revolução nos tempos atuais. E junto a ela traz, como outrora nos períodos da Revolução, suas consequências.

A proposta do igualitarismo gerado pelo orgulho e sensualidade, como vimos, trouxe consequências tremendas. No Protestantismo tivemos o rompimento com a hierarquia da Igreja, a negação do papado e a primazia da livre interpretação das Sagradas Escrituras, anteriormente concedida apenas ao magistério da Igreja.

Na frondosa destruição dada pela Revolução Francesa vimos à descentralização do poder político, o povo se rebelando contra o rei, levando-o a guilhotina, e a instauração de uma igualdade de poderes na forma de governo chamada República. O parecer ideológico igualitário é gritante, os franceses a partir do ano de 1789 marcham ao som do hino triunfal: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Na transição feita, carregado com todo arcabouço das revoluções acentuadas, nasce, em meados do século XIX o comunismo. Este, levando em conta a mesma gênese igualitária coloca a proposta da dissolução das classes, lançando os empregados contra seus patrões, com o firme propósito de alcançar uma sociedade sem hierarquias, méritos e puramente igualitária.

IV.3 Dissolução da autoridade do professor em sala de aula e formação do pensamento utópico igualitário

Enfim, chegamos ao século XX, onde temos diante de nós um perfil revolucionário que encontra seu campo de atuação nas salas de aula. O método Paulo Freire, apesar de paulatinamente citar claramente a luta de classes pelo viés marxista, nos deixa evidente a dissolução hierárquica. Toda forma de autoridade é maléfica, produz hierarquias, foge à tendência igualitária.

Frente a isso, vemos a implantação da pedagogia para a liberdade indo contra àquela, que anteriormente era a figura de autoridade em sala de aula, os professores e mestres.

É possível perceber a linearidade revolucionária como isso se aplica. Dissolução da autoridade do papa, dissolução da autoridade do governo

monárquico, dissolução das classes entre patrão e empregado. E por fim, dissolução entre educador e educando.

É viável, através dessa linha histórica, fazer uma interpretação a partir do pensamento de Marx. Se outrora a religião era o ópio do povo, agora, com a vigente crítica à educação bancária, podemos afirmar: a educação é o ópio do povo.

Não qualquer educação, mas a educação dita bancária. Estamos aqui vendo a realidade educacional brasileira através da ótica de Plínio Côrrea, inspirados pela visão frente à dissolução da ordem em meio ao caos projetado nas escolas. Em reverência a ordem dada por Deus, temos a firme concepção de que o igualitarismo não funciona. É bem claro quando tomamos as referências da Revolução Francesa que brada Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

De forma alguma poderíamos afirmar que se todos os homens tivessem a mesma igualdade em alimentos, por exemplo, se a sociedade regida por um governo que implantasse uma lei em que todos teriam direito apenas a uma cesta básica por mês, comprovaríamos pela observação empírica que alguns, tendo uma estrutura de metabolismo distinta, teriam mais necessidade de alimentar-se em maior quantidade do que outros. Porém, não poderiam pelo motivo da igualdade entre todos. Poderíamos questionar: há liberdade dentro desta realidade? Havendo igualdade, pode haver liberdade?

Nesta mesma linha de raciocínio questionamos também o pensamento de Paulo Freire. Depois de percorrido toda sua crítica ao pensamento bancário, chegamos à resposta a essa crítica de que é preciso ao invés de um pensamento alienante que impeça o ser humano de alcançar a autenticidade do seu ser, deve este buscar implantar uma forma pedagógica que propicie a libertação. Neste caso, uma educação para a liberdade.

Esta educação, dada no capítulo sobre o pensamento de Freire acima, nos indica que ninguém educa ninguém, mas todos, juntos, se educam mutuamente.

O professor não buscará mais construir sua forma de aplicação do conhecimento de forma prévia, mas estando dentro da sala de aula com os alunos irá construir o conhecimento crítico através das oportunidades ali dadas no momento. Porém, a capacidade crítica deve girar em torno da essência do pensamento marxista, uma crítica ao sistema opressor através das circunstâncias do dia a dia.

O intento disso é gerar uma alucinante ideia de Igualdade. Plínio Côrrea acentuou formidavelmente que essa forma de educação, no seguimento da Revolução, não passa de uma utopia igualitária.

Plínio acentua de modo muito claro os problemas da igualdade vista em plenitude, sendo que

A igualdade completa, além de ser irrealizável, nem seria desejável, porque, ao contrário do que imaginam os igualitários, ela constituiria grave injustiça.

Injustiça, num plano mais imediato, contra os homens, pois é certo que tal igualdade contraria a natureza livre do homem, o qual tende a expandir suas potencialidades e, pois, a diferenciar-se de seus semelhantes. Mesmo num regime de férrea ditadura, seria impossível a igualdade completa.

Nos países comunistas, que há décadas pretenderam estabelecer a igualdade social, o que existe é uma abismática e cruel diferenciação de classes, em que muito poucos desfrutam privilégios e todo o restante da população vive na miséria mais negra. (Utopia igualitária, p. 123).⁴⁹

Esta proposital citação vai contra o espírito de luta freiriana. Ao longo da sua crítica a educação bancária, ao sistema opressor é visível o ardor com que Freire tenta inculcar na cabeça do leitor sua proposta igualitária. O intento principal é, na ala educacional, a dissolução entre educador e educando. Outrora o educador era uma pessoa instruída, vocacionada, tirada do meio do labor braçal para se dedicar em espírito as disciplinas concernentes a libertação da ignorância dos seus futuros alunos. A lógica nos demonstra que um aspirante a medicina necessita essencialmente de um professor que lhe ensine as manobras da medicina, o funcionamento do corpo humano, a ordem fisiológica dos órgãos e etc. Tal conhecimento não gira em torno de um parecer relativo, o que pode custar várias vidas, mas é um conhecimento que vem de

⁴⁹ LINDENBERG. Adolpho. Utopia Igualitária. Aviltamento da dignidade humana. São Paulo, 2016, p. 123.

alguém que traz no arcabouço da sua inteligência informação, narrativas, que proporcionem aquele estudante a se tornar um bom médico no futuro.

O pensamento de Plínio nos permite enxergar os pressupostos do pensamento de Paulo Freire. Sendo esta parte da Revolução, o que consiste, como já analisamos, numa desordem.

Esta desordem analisada tem seu espírito existente na dicotomia crítica, por bases marxistas, educador-educando. Sendo o pensamento de Freire crítico educativo, vimos que a chamada educação bancária é uma ameaça à liberdade do homem enquanto ser mais, ser para a realização da sua vocação. O que o impede, contudo, pela via da educação de chegar à liberdade é a imposição implantada pelo professor em sala de aula com seu método opressor que impede uma visão ampla e crítica da sociedade.

Para obtermos de forma mais pontual e clara a crítica ao pensamento de Freire, tomemos alguns argumentos da obra que inspirou a investigação deste trabalho - *Desconstruindo Paulo Freire* - para obtermos a consciência de que a desordem no pensamento freiriano é utópica, não alcança a finalidade que se propõe. Contudo, o grande problema visível desencadeado por essa via de pensamento é propriamente os meios para alcançar um fim impossível, mas que no caminhar da implantação utópica do modo de pensar freiriano gera grandes catástrofes, podemos dizer, em um País.

É imprescindível acentuarmos que a aplicação do método Paulo Freire gerou, na prática, duas formas de atuação dos professores em sala de aula. A primeira, onde em uma rápida pesquisa pela internet, conseguimos encontrar professores que trocaram a exposição das disciplinas clássicas, por um discurso sindicalista, marxista e utópico. Tais professores, revestidos pelo pensamento de Marx, via Paulo Freire, ditam as preocupações que devemos ter contra as elites que impedem a igualdade entre as classes. Em uma dessas realidades, o autor de um dos capítulos da obra *Desconstruindo Paulo Freire*, o professor Rafael Nogueira, nos mostra que estando ainda no ensino médio teve uma breve discussão com uma professora que descartava sua forma de pensar fruto da educação bancária. Tal educação, sendo uma ilusão no perfil freiriano, dizia esta professora que "(...) ilusão mesmo era acreditarmos nesses

discursos de elite que nos fazem individualistas e consumistas, em vez de nos unirmos para nos ajudar, protestar e lutar".⁵⁰

Mais uma vez a luta de classes volta à tona, a mesma professora acentua ainda que o modo, como o autor citado acima, pensava era fruto da educação que tivera, uma educação "bancária e domesticadora, como dizia um tal de Paulo Freire".⁵¹

A segunda forma de atuar em sala de aula de diversos professores se deu àqueles que aplicando o método Paulo Freire sem a firmeza marxista de atuação, a luta de classes, colheram frutos amargos. Tais professores, buscando privar-se da autoridade tão criticada por Freire, colocaram-se a mercê dos alunos, febricitados pela falta de hierarquia, disciplina e bons costumes que deveriam vir da autoridade em sala, tais alunos, muitos, revoltados perderam completamente o respeito pelos professores e mestres. O que era para ser uma revolução com os alunos, acabou gerando uma revolução dos alunos contra os professores.

É claro que o modo de pensar crítico de Freire não obteve êxito de forma instantânea, mas aos poucos, com mudanças perceptivelmente inofensivas foi inoculado dentro das salas de aula. Assim

(...) certas práticas freirianas, derivadas da sua denúncia de que há uma forma de educação a se combater, já se faziam sentir: sentar em círculo e não em fileira, falar de igual para igual com colegas e professores etc. A princípio, só parecia ruim aos tímidos e aos retraídos, porque queriam ficar quietos e reservados em seus lugares. Aos mais entusiasmados e vaidosos, era uma maravilha. Para os mais estudiosos, sedentos de saber, parecia um misto de perda de tempo com aquele tipo de dever social que sentimos a necessidade de cumprir a contragosto.⁵²

O costume das fileiras era claramente uma forma autoritária do professor se portar. Era o perfil incômodo criticado por Freire, onde o professor à frente, desigual, superior aos seus alunos injetavam seus conhecimentos narrativos e dissertativos. Em círculo, temos uma nova visão de conhecimento, partilha e crescimento mútuo, onde ninguém educa ninguém, mas todos aprendem em conjunto. Contudo, tal organização é ritmicamente aplicada em sala de aula,

⁵⁰ GIULLIANO, Thomas (Organizador). Desconstruindo Paulo Freire. Porto Alegre, 2017, p. 45.

⁵¹ Ibidem.

⁵² Ibidem.

porém, poucos professores sabem de onde deriva e qual a motivação revolucionária por trás de tais mudanças.

E isso é muito interessante, pois o óbvio no pensamento de Freire traz a tona um emaranhado de propostas marxistas intrínsecas ao seu pensamento. Entre eles, podemos focar de forma contundente na própria palavra criticada “Educação bancária”. Por que o termo bancário aparece na Pedagogia do Oprimido e toma centralidade na problemática desenvolvida por Freire?

Pois bem,

Enxerguemos o cenário. Paulo Freire parecia crer que a visão bancária vigorava no Brasil. Ele publicou essa obra em 1968, no exílio. Ela foi traduzida para dezenas de idiomas, o que nos faz pensar que não só ele tomava por certo que era essa visão dominante. O Brasil passava pela ditadura militar. O mundo estava imerso na Guerra Fria, cujo antagonismo principal era ideológico: capitalismo contra socialismo. Freire usa a figura do banco como negativa, criticável, diria, até, abominável.⁵³

Mais uma vez vemos o movimento da Revolução em processo. A obra de Freire, como tantos a tomam e fazem citações desconexas, é provida de um contexto, de uma crítica, de uma assimilação ideológica política comunista. Nesse sentido, Freire capta o mal apurado pelo comunismo diante do capitalismo e lança a problemática da educação que lê frente à mecanização da dita educação dissertativa narrativa, ou seja, educação bancária e assimila com a crítica, na época em que escreve a obra analisada – Pedagogia do Oprimido – os males apontados pela vertente de pensamento revolucionário de Marx.

Contudo, o autor que apontamos como crítico ao pensamento de Paulo Freire, Rafael Nogueira, lança a pergunta do problema que Freire constrói em torno do depósito que os professores fazem em relação aos alunos. Quem, pergunta Nogueira, “(...) reclama de depósitos em sua conta?”.⁵⁴

Continua,

O que eu mais ouço no meu dia a dia é a pergunta: “Débito ou crédito?”. Eu gostaria de receber mais depósitos e menos débitos em conta. Do ponto de vista pedagógico, se há depósitos, há valores em

⁵³ GIULLIANO, Thomas (Organizador). Desconstruindo Paulo Freire. Porto Alegre, 2017, p. 46.

⁵⁴ Ibidem, p. 47.

jogo. Que valores? Os conhecimentos. Conhecimentos são tesouros. O professor os deposita na conta bancária do aluno, que é sua memória. O aluno pode recebe-los de forma dócil ou indócil, mas continua sendo uma doação de valores. Ou uma troca. Quantos cursos não fazemos, pagando caro por eles, para recebermos de volta os valores monetários em forma de conhecimento?⁵⁵

O conhecimento desprezado por Freire, sua crítica ao mesmo, sofre da falta de sentido. Contudo, sua proposta é utópica, tende a implantação do comunismo. Podemos averiguar isso na citação feita no artigo de Martinho Fazenda Ducal e Fernando Henrique Lopes que diz

Ora, a sã filosofia demonstra que todas as coisas existentes têm uma causa eficiente e uma causa final. Um professor, ao elaborar seus planos de aula, traça objetivos (fins, metas) a serem alcançados. A visão do professor em relação aos alunos é, pois, totalmente desconsiderada em Paulo Freire.⁵⁶

Porém, por essa via de interpretação poderíamos dizer, o que Paulo Freire busca fazer, na crítica a educação bancária, não está isolado na proposta de suspensão do preparo das aulas (enquanto causa eficiente) e sua aplicação frente aos alunos (causa final). Contudo, a problemática central, por via aristotélica, está na causa formal, ideia primeva que alicerça a aplicação do conteúdo aos alunos. Na proposta de Freire, impediria a Revolução, manifestando uma dormência no campo da opressão.

Frente a isso, como já apontamos, o modo de Freire desfazer desse método apontado por ele como opressora é dizer que ninguém educa ninguém.

Assim, o professor não tem mais autonomia para ensinar e acaba sendo um líder político marxista, ou, como apontamos uma vítima dos alunos que, sem freios, sem disciplina, sem ordem, sem educação, acabam destituídos da autoridade em sala de aula.

Muitos professores apontam como a regência deve ser feita para que haja o mínimo de aprendizado em sala de aula, entre as pesquisas levantadas,

⁵⁵ GIULLIANO, Thomas (Organizador). Desconstruindo Paulo Freire. Porto Alegre, 2017, p. 47.

⁵⁶ DUCAL, Martinho. A filosofia freiriana e o ensino brasileiros: uma análise crítica sobre os reflexos da filosofia de Paulo Freire no ensino superior nacional. Disponível em: <file:///C:/Users/Win10/Downloads/1319-Texto%20do%20artigo-3702-1-10-20150929.pdf>
Acesso em: 18 set 2018.

encontramos uma professora de educação física que chegou à conclusão que o método Paulo Freire não funciona. Dessa forma, ela enumera alguns tópicos indispensáveis para aplicar as aulas. Assim, nos aponta que 1) é necessário que haja repetição para que haja aprendizagem; 2) o professor precisa ter sua autoridade respeitada pelos alunos; 3) Decorar faz parte da aprendizagem; 4) o socioconstrutivismo não funciona na prática.⁵⁷

Como já apontamos bem, a causa primordial da Revolução até chegar ao pensamento utópico revolucionário de Freire está em quebrar as regras, pela via da sensualidade, e do orgulho por não permitir que haja superiores que afrontem as ideias expostas, conforme vimos nos apontamentos de Plínio Corrêa. Lança luz a esta prerrogativa, o pensamento do professor Olavo de Carvalho que diz que

Mentalidade revolucionária é o estado de espírito, permanente ou transitório, no qual um indivíduo ou grupo se crê habilitado a remoldar o conjunto da sociedade – senão a natureza humana em geral – por meio da ação política; e acredita que, como agente ou portador de um futuro melhor, está acima de todo julgamento pela humanidade presente ou passada, só tendo satisfações a prestar ao “tribunal da História”. Mas o tribunal da História é, por definição, a própria sociedade futura que esse indivíduo ou grupo diz representar no presente; e, como essa sociedade não pode testemunhar ou julgar senão através desse seu mesmo representante, é claro que este se torna assim não apenas o único juiz soberano de seus próprios atos, mas o juiz de toda a humanidade, passada, presente ou futura. Habilitado a acusar e condenar todas as leis, instituições, crenças, valores, costumes, ações e obras de todas as épocas sem poder ser por sua vez julgado por nenhuma delas, ele está tão acima da humanidade histórica que não é inexato chamá-lo de Super-Homem.⁵⁸

Por fim, conseguimos abordar o pensamento crítico de Paulo Freire à suposta educação bancária à luz do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, que nos mostrou de forma clara e contundente o processo da Revolução que não para na história, mas que esta roda de atuação gira em nosso meio, de modo mais pontual, dentro das salas de aula.

⁵⁷ MARISA, Paula. Professora desmascara Paulo Freire. (16m42s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NTb1ZquAo-U>> Acesso em: 18 set 2018.

⁵⁸ CARVALHO, Olavo. A mentalidade revolucionária. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/a-mentalidade-revolucionaria/>> Acesso em: 18 set 2018.

Um pensador tão notório pela política atual nos faz perceber o quão doentio é a forma de exaltar um dito pensador. Creio que a visão utópica permeia a sociedade, pois não é um caso isolado gerar heróis como Paulo Freire, mas sua educação inoculou nessas mentalidades um refúgio ignóbil e que necessita urgente de uma Contra-Revolução.

Os professores, reféns dessa Revolução, não percebem a profundidade negativa que esse pensamento trouxe para o Brasil e o quão profundo é a periculosidade dessa forma de pensar. A hierarquia é um dado natural e que deve ser levado em consideração em todos os meios, ambientes, civilizações, costumes e relações interpessoais.

Que haja professores que educados de forma clássica possam, com o ardor com que doaram a vida ao plano intelectual, levar o conhecimento verdadeiro que percorre a história para seus alunos. Respeitados possam libertar da ignorância a tantos que pensam que ninguém educa ninguém.

Que os agentes da revolução utópica educativo marxista fiquem longe dos nossos alunos, para que estes possam ser a esperança de futuros intelectuais do Brasil para que enfim possamos reviver a tão aclamada Terra de Santa Cruz.

Considerações Finais

Buscamos trazer uma nova visão crítica sobre o pensamento de Paulo Freire neste trabalho. Algumas referências que tomamos ao longo das pesquisas nos apontavam de forma sucinta uma pesquisa crítica aos fundamentos da metodologia utilizada por Paulo Freire na aplicação da sua forma de ensinar.

Contudo, nós trouxemos a gênese do pensamento revolucionário de Freire, abordando de forma sucinta que esta aplicação nas salas de aula, fruto de uma hermenêutica utópica igualitária, urge desde o século XIV em outras realidades hierárquicas.

Tal leitura só foi possível mediante a célebre obra de Plínio Corrêa de Oliveira que com seu método histórico filosófico nos permite perpassar ao

longo da história os grandes momentos em que a Revolução tomou grande destaque, são elas: Revolução Protestante, Revolução Francesa e Revolução Comunista.

Nesta perspectiva demos continuidade à obra de Plínio Corrêa, tomando a crítica de Paulo Freire à educação bancária como continuidade das três grandes revoluções citadas na obra *Revolução e Contra-Revolução*.

Daí que nosso intento foi buscar analisar a obra de Paulo Freire no tópico crítico sobre a educação bancária à luz da obra *Revolução e Contra-Revolução* de Plínio Corrêa de Oliveira – Destituição da autoridade do professor como utopia educativo comunista.

Tal pensamento hermenêutico marxista de Freire deu essa nova interpretação para a relação educador-educando. Na sua crítica a educação bancária perpassava uma didática dissertativa narrativa, onde o aluno era como um depósito que só recebia de forma passiva os conhecimentos dados de forma ditatorial pelos professores.

Agora, com sua visão libertária ninguém tem a capacidade de educar ninguém, e nisso há de forma igualitária uma união do aluno com o professor e ambos vivem um mesmo patamar.

Uma desordem é colocada, uma utopia é gerada, pois vimos ao longo do trabalho à importância da hierarquia em qualquer âmbito da sociedade, nesse seguimento de modo particular a importância do professor em relação ao aluno.

Desse modo, colhemos de forma satisfatória neste trabalho uma linha de pensamento nova que nos permitiu enxergar que o pensamento de Paulo Freire vem de uma linha de investigação antiga que é continuidade nos tempos atuais dentro das salas de aula.

Este trabalho sugere novas perspectivas de continuidade, entre elas abarcar a volta da ordem hierárquica e de autoridade do professor pela via da *Contra-Revolução* elucidado na mesma obra que trabalhamos de Plínio Corrêa de Oliveira.

Dessa forma, mostrar como a tradição da cristandade, desde os primórdios da criação das universidades e a grande valorização do ensino na Idade Média, pode responder às questões sobre a educação na crise contemporânea que estamos vivendo atualmente.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Olavo. **A mentalidade revolucionária**. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/a-mentalidade-revolucionaria/>> Acesso em: 18 set 2018.

CORRÊA, Plínio. **Revolução e Contra-Revolução**: 4. ed. São Paulo: Editora: Artpress, 1998.

DUCAL, Martinho. **A filosofia freiriana e o ensino brasileiro: uma análise crítica sobre os reflexos da filosofia de Paulo Freire no ensino superior nacional**. Disponível em: <<file:///C:/Users/Win10/Downloads/1319-Texto%20do%20artigo-3702-1-10-20150929.pdf>> Acesso em: 18 set 2018.

FRANÇA, Aparecida de. **A pedagogia crítica de Paulo Freire e as consequências do exílio**. 2010. Disponível em: <<http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/35.pdf>> Acesso em: 7 nov. 2018.

FREIRE, Paulo. **Paulo Freire fala de Marx e Cristo**. (1m22s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2fDVNoqExFo&t=4s>> Acesso em: 18 set. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora: Paz e Terra, 1987.

GIULLIANO, Thomas. **Desconstruindo Paulo Freire**. 1. ed. Porto Alegre: Editora: História Expressa, 2017.

LINDENBERG, Adolpho. **Utopia Igualitária. Aviltamento da dignidade humana**. 1. ed. São Paulo: Editora: Ambiente e costumes, 2016.

MARISA, Paula. **Professora desmascara Paulo Freire.** (16m42s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NTb1ZquAo-U>> Acesso em: 18 set 2018.

PATTO, Maria Helena. “**Educação ‘Bancária’ e Educação Libertadora**”: 1971. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/2339567>> Acesso em: 7 set. 2018.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia. Do Romantismo até nossos dias.** 7. ed. São Paulo: Editora: Paulus, 2005.

SANTOS, Iveraldo. **Atualidade de Revolução e Contra-Revolução de Plínio Corrêa de Oliveira.** 1. ed. Natal: Editora: Artpress, 2012.

SCONAMIGLIO, João. **Plínio Corrêa de Oliveira. Um profeta para os nossos dias.** 1. ed. São Paulo: Editora: Arautos do Evangelho, 2017.

SCONAMIGLIO, João. **O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira.** Configura-se a missão (Tomo III): 1. ed. São Paulo: Editora: LumenSapientiae, 2016.

VIDIGAL, Caio. **Como nasceu a providencial obra Revolução e Contra-Revolução.** Revista Catolicismo: São Paulo, Número 706, p. 28, Outubro 2009.